



## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA: HUMANIZAÇÃO E CIDADANIA NA ESCOLA**

Autora: Camila da RosaParigi - UFSM<sup>1</sup>

Orientador: Celso Ilgo Henz - UFSM<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo procura apresentar o projeto de pesquisa-ação que visa ser um espaço-tempo investigativo, pelo diálogo-problematizador, junto aos docentes da educação básica, oportunizando uma reflexão sobre a realidade social e escolar e sobre possíveis mudanças em suas *práxis* educativas. Encorajando esses profissionais a refletirem sobre si mesmos, sobre suas práticas, possibilitando assim que estes possam também despertar nas crianças e adolescentes esse sentimento de humanização e cidadania. Tomando como enfoque a perspectiva hermenêutica, dá-se preferência ao processo investigativo enquanto pesquisa-ação, pelos seus aspectos eminentemente construtivos e dialéticos com vistas à transformação. A presente pesquisa se constitui como um processo de educação e (re)construção de conhecimentos a partir da indagação auto-reflexiva que prevê o envolvimento de todos os sujeitos (professoras de uma escola municipal de educação Infantil do município de Santa Maria/RS, professores municipais de Formigueiro/RS e o Grupo de Estudos “Dialogus”) em ações prospectivas, tendo como objetivo geral investigar e oportunizar a criação de processos de humanização e vivência de cidadania nas escolas de educação básica.

**Palavras-chave:** Cidadania. Escola. Humanização. Formação continuada.

### **Diálogo inicial**

O projeto “Humanização e Cidadania na Escola”, desenvolveu atividades realizadas durante o ano de 2011 e permitiram continuar pesquisas anteriores que ocorrem no projeto “Humanização e Cidadania na Escola”, desde maio de 2007, em escolas municipais e estaduais da cidade de Santa Maria/RS e regiões próximas.

Assim, o projeto buscou investigar e oportunizar a criação de processos de humanização e vivência de cidadania nas escolas de educação básica, visando identificar os seus limites, desafios e possibilidades. Ainda, esta proposta pretendeu, dialética e dialogicamente, indagar como os professores e as professoras assumem a sua identidade

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena Diurno do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: [camilaparigiufsm@gmail.com](mailto:camilaparigiufsm@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: [celsoufsm@yahoo.com.br](mailto:celsoufsm@yahoo.com.br).

pessoal e a sua cidadania nas relações com os educandos e na maneira de focar os conteúdos; analisar com os professores quais são os limites e as possibilidades de humanização e cidadania entre os educandos; debater e construir com os professores propostas de *práxis* educativas mais humanizadoras e cidadãs, para eles e para os educandos, e analisar com os professores quais as contribuições da formação continuada para que a escola seja cada vez mais um espaço-tempo de vivências humanizadoras e cidadãs.

O projeto justificou-se pelo fato de que, embora existam projetos de pesquisa sobre formação de professores, sentimos a necessidade de realizar um processo investigativo e formativo diferenciado, que refletia e analisava sobre como se deram as diferentes relações e interações de humanização e de vivência da cidadania nas *práxis* educativas escolares.

Consideramos extremamente relevante a realização de pesquisas sobre o processo de formação continuada, pois oportuniza a todos que atuam na área de educação uma reflexão-reflexão sobre suas *práxis* pedagógicas, bem como se assumirem como homem e/ou mulher e como cidadão e/ou cidadã no contexto escolar. Acreditamos que assim, assumindo sua identidade e sua cidadania dentro da escola, esses educadores poderão se descobrir “gostando de ser gente”, e descobrir-se capazes de “ser mais”; puderam, então, contribuir também para que seus alunos também sintam-se encorajados a se assumirem em todas as dimensões do humano.

Sendo assim, o projeto de pesquisa ação, durante o primeiro e segundo semestre de 2011, desenvolveu-se junto com professoras de uma escola municipal de Educação Infantil, no município de Santa Maria/RS e no Grupo de Estudos “Dialogus”, encontros quinzenais proporcionaram diálogos acerca das situações do cotidiano escolar, tendo como embasamento teórico para a problematização e construção dos diálogos as seguintes obras de Paulo Freire “PROFESSORA SIM TIA NÃO – cartas a quem ousa ensinar”, “CONSCIENTIZAÇÃO”, e “Convite a leitura de PAULO FREIRE”, do autor Moacir Gadotti. Além dos encontros realizados na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), outros encontros se deram no município de Formigueiro/RS durante o segundo semestre, onde foram construídos e problematizados diálogos com professores e professoras de todas as escolas públicas desse município; os mesmos foram organizados a partir de temáticas que emergiram da realidade desses profissionais. Também ocorreram encontros quinzenais de leituras, debates, estudos e reflexões no Grupo de Estudos “Dialogus”, mas para esse artigo iremos nos deter nas experiências vivenciadas na escola de Educação Infantil do município de Santa Maria/RS.

Portanto, no presente artigo objetiva-se apresentar os caminhos percorridos com o projeto e os diálogos construídos e (re)construídos ao longo do ano de 2011, além de através de palavras sistematizar as experiências vivenciadas com os participantes do projeto.

## **Caminhos percorridos**

### **Metodologia utilizada nos caminhos percorridos**

A metodologia utilizada no projeto “Humanização e Cidadania na Escola”, inscreveu-se no âmbito hermenêutico, investigando e educando pela pesquisa ação. Buscamos “dialogar” com os professores, escutá-los, interrogá-los e, com eles, interpretar as diferentes vivências sóciohistóricoculturais e os diferentes processos de escolarização a partir da época, lugar, circunstâncias e diferentes vozes que os contextualizam e lhes podem dar sentido.

Trata-se de ler e interpretar os escritos e as falas a partir dos seus mundos e horizontes de compreensão, sem, contudo, dar as costas à realidade a partir da qual nós os interpretamos e significamos. As compreensões, muitas vezes, são buscadas nas entrelinhas, contextualizando e/ou dialetizando o que é dito com a realidade e os “silêncios” do seu tempo, possibilitando a interlocução com o nosso mundo e horizonte de compreensão. É o *arco hermenêutico* que, dialógica e historicamente, gera a fusão dos diferentes mundos e horizontes de compreensão, podendo fazer surgir algo inesperado. Hermann (2002) explica que,

A hermenêutica reivindica dizer o mundo a partir de sua finitude e historicidade, de onde decorre seu caráter interpretativo. Tem como preocupação central o pensar e o conhecer para a vida [...] o problema fundamental da hermenêutica é a busca de sentido e a interpretação [...]. A interpretação ultrapassa o texto escrito e se refere a uma manifestação vital que afeta as relações dos homens entre si e com o mundo (HERMANN, 2002, p. 15, 25).

Tomando como enfoque a perspectiva hermenêutica, deu-se preferência ao processo investigativo enquanto pesquisa ação, pelos seus aspectos eminentemente construtivos e dialéticos com vistas à transformação. A presente pesquisa se constituiu como um processo de educação e (re)construção de conhecimento a partir da indagação auto-reflexiva, a qual prevê o envolvimento de todos os sujeitos em ações prospectivas, procurando “vê-los” e “ouvi-los” na sua complexa totalidade humana; os saberes e as ações se interrelacionam, possibilitando a todos e todas deparar-se e assumir-se como produtos e produtores da própria história. Usamos os encontros dialógico-reflexivos como instrumento de construção de dados com os grupos de professores na escola que trabalhamos.

Os encontros do projeto ocorreram quinzenalmente em uma escola municipal de Educação Infantil da cidade de Santa Maria/RS; as professoras, em número de 12, incluindo a professora que ocupa atualmente o cargo de diretora, participaram voluntariamente das atividades dos encontros que aconteceram na própria escola. Além dos encontros nessa instituição, uma vez por mês aconteceram encontros na cidade de Formigueiro/RS, próximo de Santa Maria/RS; estes contavam com a participação de todos os professores da rede pública de ensino do município, contando com aproximadamente 90 professores.

As atividades do projeto não se limitaram apenas a essas instituições. Realizaram-se também em outras cidades do estado do Rio Grande do Sul; porém, foram encontros focais, ocorrendo apenas uma vez no segundo semestre deste ano, enquanto encontros de formação continuada mais pontuais e temáticos. Também estes nos ajudam a ver, analisar e interpretar como se dão os processos de humanização e vivência da cidadania nas escolas, pois sempre se buscou manter o diálogo-reflexivo e problematizador na realização dos mesmos.

Desde o início do ano de 2011, o coordenador, a bolsista do projeto, junto com outros acadêmicos, professores da educação básica, ensino superior, e inclusive as professoras da escola pesquisada em Santa Maria/RS, se propuseram a construir e fazer parte do “Grupo de Estudos Dialogus: Estudos e Diálogos com Paulo Freire”, em que são realizadas leituras de obras do autor Paulo Freire. Os encontros foram quinzenais; também participam outros professores e acadêmicos do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

### **Diálogos construídos e (re)construídos: diálogos acerca da Educação e Cidadania**

A educação é um fenômeno no qual todos os seres humanos são envolvidos. Pode ocorrer na família, na escola, na igreja ... enfim, nos diversos ambientes sóciopoliticoculturais que fazem parte da vida de cada sujeito. Nesse sentido Freire (1980) afirma que,

Para ser válida, a educação deve considerar a vocação ontológica do homem, vocação de ser sujeito, e as condições em que ele vive: em tal lugar exato, em tal momento, em tal contexto. [...] A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto da sociedade na qual o homem é radicado (FREIRE, 1980, p.34).

Assim, a educação precisa ser compreendida não somente como ensinamento de conteúdos e métodos; vai muito além disso, perpassa também o trabalho com as múltiplas

dimensões de cada sujeito como pessoa e como cidadão. Mulheres e homens vão se constituindo nos processos educativos com os quais se envolvem ao longo de suas vidas; não apenas no sentido da educação que acontece na escola, mas na sociedade, igreja, família, na rua... através das relações interpessoais pelas quais os sujeitos passaram e se construíram dialogando e interagindo com os demais e com a sociedade em que estão inseridos.

Desse modo, ser um educador ou uma educadora precisa ultrapassar os limites impostos pelas estruturas curriculares em que está direcionado o processo de ensino aprendizagem de nossos educandos. Isso implica em ver o que lhes é “sugerido” a ser trabalhado como um aliado para construir, com as crianças e jovens com os quais se trabalha, um outro modo de ver e viver a sua vida em sociedade: um modo crítico, que reconheça cada indivíduo na sua totalidade e capacidade de ser, ou seja, considerar seus saberes e seu modo de ser no/do/com o mundo.

Para Freire (1995), o conhecimento emerge apenas através da invenção e reinvenção, por meio de um questionamento inquieto, impaciente, continuado e esperançoso de homens no mundo, com o mundo e entre si. O conhecimento é um processo que transforma tanto aquilo que se conhece como também o conhecedor. Considerando o conhecimento de mundo dos sujeitos, e a forma com que interagem com o mundo, torna-se relevante pensar sobre a cidadania.

O termo cidadania, em si, diz respeito ao gozo dos direitos civis e políticos das pessoas pertencentes a uma determinada estrutura sóciopolítica, o que também implica em responsabilidades e deveres para com o grupo de pertencimento. Porém, é possível pensar que a cidadania vai muito além disso; ser cidadão compreende ver a sociedade com um olhar crítico, saber ver as distorções e injustiças, bem como buscar soluções, problematizar e comprometer-se com processos instituintes que geram mudanças. Esta aprendizagem da cidadania precisa ser aprendida, vivenciada, exercitada também dentro das nossas escolas.

A partir das vivências de cidadania dentro da escola, os sujeitos passarão a compreender melhor a sociedade na qual estão inseridos, tomando nas mãos a história pela qual vão se constituindo, se educando, em homem ou mulher, no exercício da intersubjetividade e da cidadania, com os outros e com o mundo ao seu entorno.

Os educandos devem ser tratados como cidadãos e cidadãs, e o trabalho escolar entendido como garantia de acesso aos saberes, valores, vivências e conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade; mas, com eles e a partir deles, (auto)(trans)formar indivíduos críticos, criativos e autônomos, capazes de agir no seu meio e transformá-lo, criando e construindo novos conhecimentos e práticas como formas de

compreensão e transformação do mundo. A esse respeito, Arroyo (2001, p. 97,98) ratifica que, “[...] educar para a cidadania, para a participação social e política, desenvolver atitudes de solidariedade, cooperação, diálogo e respeito ao outro, como estimular hábitos saudáveis com o meio ambiente e o corpo, são horizontes propostos para todos os professores e as professoras de Educação Fundamental”.

### **Diálogos sobre formação continuada de professores(as)**

Tendo a escola como *lócus*, tempo-espaço, onde ocorre o trabalho do professor, é possível afirmar que apenas a formação inicial desses profissionais não basta para que consigam construir sua *práxis* pedagógica de maneira contextualizada, crítica, reflexiva, principalmente porque a escola é um tempo-espaço em constante transformação; ela é feita de gente que vive.

De tal modo, a formação continuada de professores deixa de ser “pano de fundo” para tomar lugar central nas discussões a respeito de educação e, principalmente, a formação de professores, tendo como sujeitos principais os professores que estão inseridos na escola. A esse respeito o autor Imbernon (2009) explica,

A formação centrada na escola envolve todas as estratégias empregadas conjuntamente pelos formadores e pelos professores para dirigir os programas de formação de modo a que respondam às necessidades definitivas da escola e para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem em sala de aula e nas escolas. [...] o professor é sujeito e não objeto de formação (IMBERNÓN, 2009, p. 80, 81).

Através da formação continuada, a escola consegue se articular de maneira a conseguir proporcionar, a todos os envolvidos com a educação, momentos de reflexão-ação-reflexão, os quais são fundamentais na *práxis* pedagógica; não apenas para os educandos, mas principalmente para os educadores que passam a se perceber e compreender como sujeitos pesquisadores de sua própria *práxis*. De maneira dialética e dialógica, os professores, aos poucos vão se (re)descobrir e assumindo através do diálogo problematizador; tornam-se sujeitos crítico-reflexivos, a partir da realidade na qual estão inseridos, vinculando sua *práxis* pedagógica ao processo inacabado de fazer-se homem e fazer-se mulher.

Desse modo, procuram desenvolver em seu cotidiano não apenas uma *práxis* pedagógica focada na melhor metodologia a ser utilizada para trabalhar os conteúdos com os educandos, mas uma *práxis* pedagógica que envolva as relações interpessoais, as vivências e experiências sóciopolíticoculturais dos sujeitos; ou seja, perceber os sujeitos em sua inteireza,

para assim construir uma *práxis* pedagógica humanizadora, tanto para educandos como para educadores.

Através das problematizações nos espaços de diálogos e reflexões é que os professores conseguiram ir transformando suas *práxis* pedagógicas conteudistas em *práxis* pedagógicas humanizadoras; propiciando assim não a solução para todos os problemas relacionados à educação na escola, mas ao menos começarem a construir caminhos para que se inicie um movimento, mesmo que a passos lentos, para a transformação no sentido da humanização dos sujeitos. Sobre isso, Henz (2007) elucida

Humanizar-se e ajudar os(as) outros(as) a se humanizarem requer que cada indivíduo, e em especial o(a) educador(a), consiga ir construindo de forma clara um projeto de vida, que não vem desvinculado de um projeto de sociedade. A dimensão humana da educação está indissolúvelmente ligada à questão política da educação. Humanizar-se pela educação implica também ter esperança, acreditar que é possível construir uma escola – e uma sociedade – menos desumana, tanto para os(as) educandos(as) quanto para os(as) educadores(as) (HENZ, 2007, p.154).

Acreditamos que, a partir do momento que as *práxis* pedagógicas humanizadoras passam a ser construídas e reconstruídas por educadores e educandos dentro da escola, de modo a provocar transformações que extrapolam os muros da escola, aí sim é possível ter uma educação com objetivos de conscientizar, humanizar, e assim transformar os sujeitos e a nossa sociedade.

### **Diálogos com Paulo Freire: “PROFESSORA SIM TIA NÃO, cartas a quem ousa ensinar”**

Nos diálogos construídos e (re)construídos com as professoras da escola municipal de educação Infantil na cidade de Santa Maria/RS, como embasamento teórico para a problematização utilizou-se o livro de Paulo Freire (2009) “Professora Sim Tia Não, cartas a quem ousa ensinar”.

Como o próprio título do livro descreve, a obra é composta por cartas que Freire escreveu com o objetivo de ao longo destas proporcionar diálogos, problematizações, reflexões e principalmente interrogações aos leitores sobre as suas práticas. O próprio Freire entende que a formação permanente e continuada dos professores é constante reflexão sobre as suas práticas.

As duas primeiras cartas tratam de situações relacionadas ao ato de aprender – ensinando e ensinar – aprendendo. Essas situações que perpassam a *práxis* pedagógica dos

educadores, muitas vezes acabam por gerar medo não apenas nos educandos, mas também nos educadores; trata também de problematizações a respeito da palavra “tia”, como maneira de o educando ver e tratar o educador.

Durante o diálogo com as professoras foi retomado o momento histórico em que surgem as “pré-escolas”, as “creches”. Assim foi possível perceber que o termo “tia”, surge desde o momento em que as instituições que eram responsáveis pela educação das crianças de zero à seis anos, surgiram como locais em que não era preciso um profissional qualificado para atuar com as crianças, e sim uma mera cuidadora, ou uma “tia”.

No momento dessa problematização, foi possível refletir com as professoras que a terminologia “tia” não surgiu apenas como um termo “carinhoso”, uma maneira mais próxima de o educando e o educador se relacionarem; mas esse termo vem carregado de questões históricas, políticas, culturais. Ao admitir que o educando o trate como “tia”, a professora está reduzindo sua condição de trabalhadora a alguém que tem apenas afeto pelo educando; então, não necessariamente precisa ter intencionalidade em sua *práxis* pedagógica e muito menos ser reconhecida pela sociedade como uma trabalhadora que tem uma formação específica, e que é digna de direitos e deveres como os demais trabalhadores.

Toda essa caminhada é composta por “armadilhas ideológicas”, inclusive pela maneira como os educandos tratam os professores, fazendo com que em determinados momentos sintam-se tão desafiados que sintam “medo” sobre quais atitudes ter em determinados momentos com certos educandos. Porém, Freire problematiza: esse medo não deve ser paralisante, mas sim estimular os professores a enfrentar os desafios. Nas suas palavras:

A questão que se coloca não é, de um lado, negar o medo, mesmo quando o perigo que o gera é fictício. O medo, porém, em si é concreto. A questão que se apresenta é não permitir que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço (FREIRE, 2009, p. 27).

As professoras da escola, de uma maneira em geral, relataram que sentem muito essa sensação de insegurança, chegando em determinados momentos a sentir “medo”. Por trabalharem com educandos da Educação Infantil, crianças que estão em fase de descoberta, novas conquistas, explicaram que sentem, junto com eles, as mesmas sensações, sentimentos e experiências que os educandos vivenciam elas também; ou seja, são novos momentos, novas descobertas, tanto para as crianças quanto para os adultos, e tudo isso faz parte do processo de ensinar-aprendendo, aprender-ensinando.

Nas cartas três e quatro o autor apresenta motivos que levaram professoras a ingressar na carreira do magistério, e também apresenta qualidades indispensáveis aos professores e



professoras. As professoras ao realizarem a leitura, e durante a construção de nosso diálogo, afirmaram que em nenhum momento se identificaram com os relatos negativos das professoras que optaram por ingressar no magistério por falta de ter outra opção para trabalhar. Elas nos relataram que, independente da idade que ingressaram na profissão de professoras, estavam conscientes de sua escolha; desse modo, não se arrependem da escolha que fizeram.

A respeito das qualidades que o autor traz e trata como sendo indispensáveis, elas relataram que durante suas *práxis* em sala de aula começaram a observar e refletir sobre quais características acreditavam ter, e quais outras ainda precisam “melhorar”, “construir” ou “perceber” nelas. Destacaram como sendo características imprescindíveis: amorosidade, humildade, sabedoria, tolerância, coerência. Ressaltaram que todas as outras qualidades que Freire explica são fundamentais, mas essas são as principais para elas; além de compreenderem como relevantes, também conseguem perceber-las nelas mesmas, porém destacaram que acreditam que todas estão imbricadas na *práxis* pedagógica das professoras, pois não tem como agir de determinada maneira sem ao mesmo tempo pensar e agir de acordo com as outras qualidades.

Além disso, elas destacaram a importância dessas qualidades, explicando que mais do que elas, são os pais e os educandos que manifestam perceberem estas características, por estarem diretamente envolvidos com esse processo. Outro aspecto importante que envolve essas características é a forma com que estabelecem as relações com as famílias das crianças, pois também demonstram a importância dessas qualidades, para fortalecer as relações família/escola.

Nas últimas cartas que conseguimos problematizar nos nossos diálogos, refletimos sobre as cartas cinco e seis, deixando outras quatro cartas para futuros diálogos; ou seja, não acabamos nossos diálogos, apenas os interrompemos.

Então, nas cartas cinco e seis, foi dialogado sobre a relação educando-educador. Como se trata de um caminho longo que é construído desde o primeiro dia de aula e perdura por muito e muito tempo, sem tempo certo para findar, as relações construídas entre o educando e o educador são embasadas pela intencionalidade pedagógica da escola e do educador com sua *práxis* pedagógica com o educando, possibilitando unir as relações emocionais e racionais, estando essas reciprocamente imbricadas.

As professoras comentaram ainda que sentem isso muito presente na Educação Infantil; relações emocionais e racionais ocorrendo ao mesmo tempo, mas explicaram que lamentam muito porque percebem que ao longo da vida escolar dos educandos –

principalmente nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio – essas relações construídas com o professor vão sendo perdidas, ou estabelecidas tendo como pano de fundo não as emoções, mas a disciplina, o rigor da cientificidade. Ou seja, relações tão simples e belas que são tão estimuladas a serem construídas no início da vida escolar, aos poucos vão sendo desmanchadas, e, desse modo, perdidas tanto pelos educandos quanto pelos educadores.

Enfim, após o último encontro na escola, acreditamos que os diálogos construídos com as professoras, são se esgotaram, ao contrário estão longe disso; apenas foram interrompidos e em breve serão retomados.

### **Interrompendo esse diálogo...**

Acreditamos que durante o ano de 2011 muito foi construído e conquistado junto com as professoras da escola, e, principalmente, que os nossos diálogos não terminaram, apenas estão sendo interrompidos.

Percebemos no decorrer dos encontros que o movimento de reflexão-ação-reflexão ocorreu em diversos momentos, pois as mesmas nos relatavam esse movimento dialético que estavam construindo a respeito de suas *práxis* pedagógicas em uma perspectiva humanizadora. Traziam para o debate situações em que ousarem fazer algo diferente, momentos em que se sentiam mais humanizadas e mais humanizadoras com seus educandos.

Conseguir identificar os limites, desafios e possibilidades também era um de nossos objetivos. Acreditamos ter conseguido construir junto com as professoras muitos diálogos que manifestaram seus temores, mas também suas esperanças. Devido a isto surgiram novas necessidades que foram problematizadas durante os encontros por todos do grupo.

Destacamos que em nossas reflexões dialógicas sobre a relação educando-educador foi quando mais apareceram as manifestações sobre os limites e desafios. Isso devido ao fato de que as relações interpessoais estão imbricadas nos processos de ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo são base, sendo em grande parte dos momentos até mais relevantes que as questões teórico-científicas. Como limites apareceram muito fortemente relatos sobre a precariedade socioeconômica das famílias, bem como a grande carência afetiva das crianças. D’outra parte, relataram serem muitas vezes surpreendidas por gestos extremamente humanos e críticos dos pais e das crianças, como trazer pequenos mimos e se preocuparem com “dores de cabeça” da professora, e também propor mutirões para melhorias na infraestrutura da escola.

Assim como para as professoras participantes e para os acadêmicos, dentre uma das necessidades que emergiram de nosso trabalho foi a construção do Grupo de Estudos (Dialogus). Este, além de ser um espaço para reflexão, foi também um tempo e espaço para leituras, diálogos, construção e (des)construção de conhecimentos e práticas; enfim, um espaço de trocas, onde podíamos a todo momento nos perceber como sujeitos incabados, e, desse modo, procurarmos *ser mais*, não para ser mais que o outro, mas para sermos mais e melhores do que nós mesmos somos.

Portanto, o presente artigo que apresentou o projeto de pesquisa ação pretendeu ser mais um espaço-tempo de estudos, pesquisa e formação continuada com professores que atuam nas escolas de educação básica em Santa Maria e região. Refletindo sobre a *práxis* educativa vigente nas escolas, o desafio está em assumir ações que criem um ambiente de relações de vivência da cidadania em todos os seus aspectos e dimensões.

## Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre. Imagens e auto-imagens.** 3ªed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2001.

FREIRE, P. **Professora Sim, Tia Não.** Cartas a quem ousa ensinar. 11ªed. SP: Olho d'Água, 2009.

\_\_\_\_\_. **CONSCIENTIZAÇÃO.** 3ªed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 6ªed. RJ: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d'Água, 1995.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire.** 2ª Ed. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

HENZ, C. I. Na escola também se aprende a ser gente. In: HENZ, C. I; ROSSATO, R. (orgs). **Educação Humanizadora na Sociedade Globalizada.** Santa Maria: Biblos, 2007.

\_\_\_\_\_. O humano do humano na docência. In: HENZ, C. I; GHIGGI, G. (orgs). **Memórias, Diálogos e Sonhos do Educador.** Santa Maria: Ed. Pallotti, 2005.

HERMANN, N. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. SP: Cortez, 2002.